

Radio 29.9.62

Rubem Braga

CONVERSA DE QUEM RECEBE EM DÓLAR

FAIRE *le mort* — foi o conselho que deu certa vez um velho funcionário brasileiro instalado em Paris. E explicou:

— Se v. se sentir bem onde está, no estrangeiro, fique o mais quieto possível; faça-se esquecer no Brasil. Nada de cartas contando histórias. Nada de cartões postais com paisagens bonitas. Os amigos a quem você manda êsses cartões podem ficar sinceramente alegres por v. estar contente e se lembrar dêles. Mas também podem falar disso a pessoas não tão amigas, e a reação imediata é esta: “É mesmo, que sopa! Eu aqui dando duro e aquêle gaiato numa boa vida lá na Europa! Ganhando em dólar!” Daí a alguém procurar tirar seu emprêgo é um passo. No serviço não convém ter muitas iniciativas, sugerir muitas coisas — sobretudo não se afaste nunca um milímetro da rotina. Isso chama a atenção. Tudo o que v. puder fazer de nôvo é discutível. A coisa é esta: ficar quieto, *faire le mort*. . . Trabalhe direitinho, só o essencial, tenha as contas sempre em ordem — e silêncio! Sobretudo não mande cartões postais!

A verdade é que eu faço pior: mando crônicas. . .

* * *

Ainda para uso dos servidores no estrangeiro. O embaixador de certo pequeno país africano se queixava outro dia de que mandara uma carta para seu Ministério e ainda não recebera resposta. E comentava que seu país era muito nôvo, lutava com

falta de quadros, os serviços públicos eram desorganizados. . . Mas o embaixador de um país europeu que tem fama de ser um modelo de organização comentou:

— Tenho vinte e cinco anos de carreira. No começo eu reclamava respostas, telegrafava, telefonava; em uma semana gastava tôda a verba de correspondência de um trimestre. Agora não. Tôda vez que recebo resposta de uma pergunta, a um pedido ou a uma sugestão, considero isso uma agradável surpresa e passo uma semana inteira bem-humorado. . . Um Ministério de Exteriores é como Deus: está em tôda parte, sabe tudo, provê tudo. Mas o mundo é grande, e é natural que Deus de vez em quando esteja ocupado com outras coisas. . . * * *

E para acabar, a queixa que ouvi de um diplomata americano, e que poderia ser feita por qualquer diplomata brasileiro que serve em país onde aparecem turistas brasileiros:

— Cada cidadão norte-americano em viagem pelo exterior acha que embaixadas e consulados existem apenas para servi-lo. O mínimo que exige é que uma mulher leve a sua para fazer compras — e que eu lhe arranje outra mulher para distrai-lo enquanto isso. Às vêzes tenho de explicar a um dêsses patrícios que não ganho pròpriamente para servi-lo, mas para servir aos interêsses de outros milhões de patrícios que ficaram nos Estados Unidos — isto é, à Nação. . .

M 540-25-8-62

73